

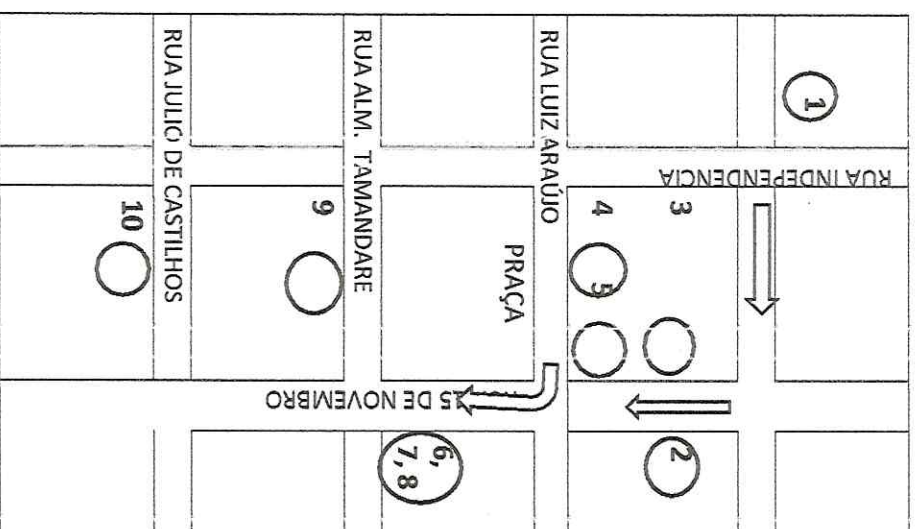
CASARIO AÇORIANO

Foram mantidas da influência externa as características açorianas do centro histórico de Mostardas formado pelas ruas Independência e 15 de Novembro no centro da cidade devido, em grande parte, pelo difícil acesso que esta comunidade enfrentou até a década de 1990, sem estrada asfaltada de acesso aos grandes centros.

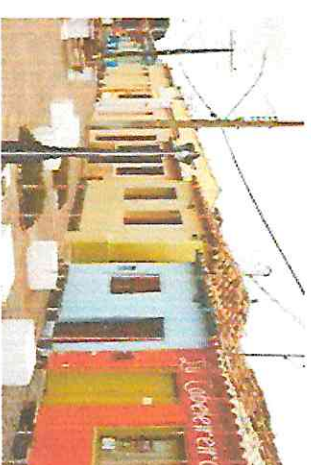
Com o intuito de preservar nossa história, foi criada através do Decreto Nº 1548 de 10 de maio de 1990 a Zona de Proteção Especial, que suspende demolições, construções e reformas neste perímetro entre as ruas Independência e 15 de Novembro, salvo seja feito estudo pela comissão da Secretaria de Obras e Cultura do município, e prevê incentivos aos moradores que preservassem o casario antigo.

Segundo a Engenheira Rita Helena Patussi, que visitou o município em 1990 e auxiliou na assessoria da preservação da Igreja e Casario, *"a arquitetura do núcleo inicial, embora tenha sofrido alterações, ainda mantém as características fundamentais. O que mais chama a atenção de um visitante são edificações no alinhamento da rua, volumetria homogênea, ritmo das aberturas (portas e janelas de mesma dimensão, com distâncias semelhantes entre si); coberturas em telha colonial, na sua maioria em duas águas e com beiral; lotes estreitos e profundos; uso de tijolos e madeira nas construções"*.

De 1990 para cá outras alterações vem sendo observadas, mas o papel da comunidade e poder público através das escolas e entidades devem ser enfatizados quanto à valorização das nossas raízes açorianas, pois este é importante polo turístico para o município.



CENTRO HISTÓRICO



Prefeitura Municipal de Mostardas
Secretaria de Turismo e Cultura

www.marisaguedeshistoriadora.com

Historiadora, genealogista e escritora

ROTEIRO HISTÓRICO

1. CASA DA CULTURA -

Rua Independência 740



Casa acoriana rural. Foi utilizada como subintendência, delegacia de polícia, banco, escola, junta de serviço militar, artesanato. A prefeitura funcionou de 1964 até a construção do prédio atual em 1980. Onde é a recepção funcionava o estábulo.

2. BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO

Rua 15 de Novembro 571



Em 1954, a rua era de chão batido. Quando chovia, com a passagem dos carros o barro saltava até a altura das janelas. Na grade de ferro onde tem o círculo ficava o emblema do banco.

3. CÂMARA DE VEREADORES - 1913

Rua 15 de Novembro 548



No prédio funcionou o Bar e Café América. Fundado em 1945 por Chico Pedro, foi vendido em 1960 para Quendê e seu irmão Pedrinho. Em 2002 o prédio foi adquirido pela prefeitura que depois de reformado passou a abrigar a Câmara de Vereadores.

Rua Luiz Araújo 819



Conhecida como Casa Machado, foi comércio de secos e molhados, ferragem, tecidos e couros. Foi o primeiro posto de combustíveis da cidade e o primeiro prédio com água encanada. O proprietário Francisco Pedro Machado foi homenageado com seu nome na rua "Chico Pedro" como era conhecido.

5. IGREJA MATRIZ SÃO LUIZ REI - 1811

Rua Luiz Araújo



A Freguesia São Luiz Rei foi a sétima freguesia da Província de São Pedro. E Igreja construída em 1811, seu altar mor em estilo neoclássico só foi instalado em 1817. Antes havia uma Igreja menor datada de 1773.

6. HOTEL SÃO LUIZ - 1808

Rua 15 de Novembro 533



O Hotel São Luiz ainda conserva características da construção. É possível ser visitado. Guarda também muitos objetos da época.

Rua 15 de Novembro 527 e 519



Estes dois prédios faziam parte de uma mesma casa, com o tempo foram divididos entre os herdeiros. Havia um segundo sobrado na mesma rua.

9. HOSPITAL - 1943

Rua Almirante Tamandaré 864



Começou a funcionar somente em 1946. No início não tinha cozinha, toda alimentação para os doentes vinha do Hotel Caetano. Ao lado do prédio tem duas estrelas: a estrela de 5 pontas símbolo das 5 chagas de Cristo (sinal de força e energia) e a outra de 3 pontas significa regeneração.

10. CASA MAÇÔNICA

Rua Julio de Castilhos 842

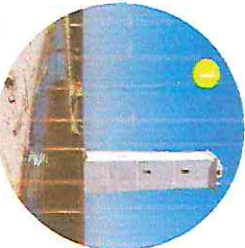


Construída no início de 1900, funcionou como Loja Maçônica em 1910 a 1911. Os Mestres vinham de Rio Grande. Depois funcionou o Hotel Caetano e hoje ainda é usado como pousada. Além do símbolo da Maçonaria tem as iniciais CVM (Crispim Velho Machado).



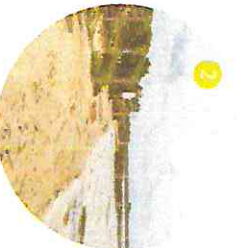
mostardas

AQUI O TEMPO PASSA MAIS DEVAGAR



Farol Cristóvão Pereira

🚲 1h 25min
🚗 35 min



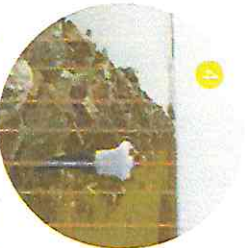
Lagoa Azul

🚲 4h 05 min
🚗 1h 25 min



Praia Farol da Solidão

🚲 3h 15 min
🚗 1h 05 min

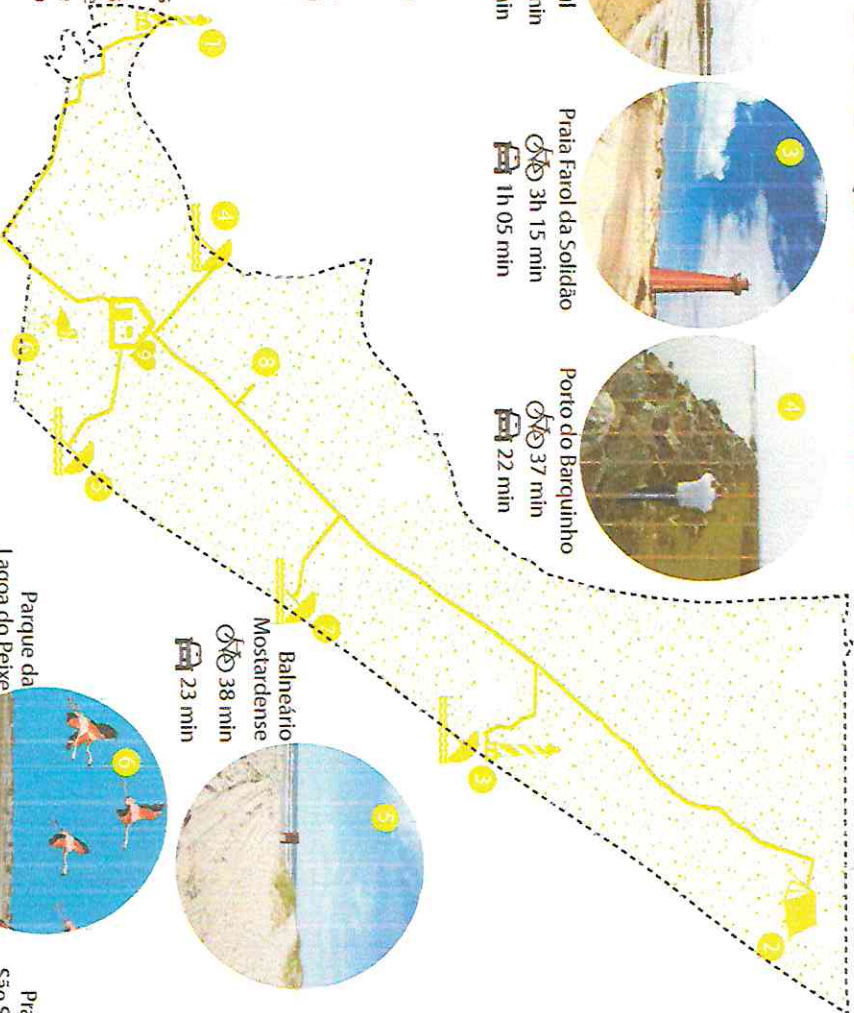


Porto do Barquinho

🚲 37 min
🚗 22 min

Candidata a ser a primeira Slow City brasileira, a cidade de Mostardas permite uma fuga da correria da cidade para que você possa descansar enquanto conhece o patrimônio histórico, cultural e natural do município:

- Centro Histórico: conjunto de edificações históricas de origem açoriana, sendo a Igreja Matriz remanescente do início da colonização gaúcha.
- Turismo de Praia: diversas praias isoladas para quem procura tranquilidade.
- Parque da Lagoa do Peixe: a Lagoa do Peixe é abrigo para grandes concentrações de aves migratórias. Muito interessante é o passeio pela orla do mar ou da Lagoa dos Patos, onde podem ser encontrados vestígios de naufrágios e faróis que registram o grande perigo para os navegantes nesta parte do Rio Grande do Sul.



núcleo URBANO

- 1 Farol do Cristóvão Pereira - 4,5km
- 2 Lagoa Azul - 8,3km
- 3 Farol da Solidão - 6,5km
- 4 Porto do Barquinho - 10km
- 5 Baía de Mostardense - 11km
- 6 Lagoa do Peixe - 5km
- 7 Praia de São Manoel - 3,5km
- 8 Praia da Anitã - 15km
- 9 Centro Histórico

BR-101

Av. Dinarte Marins

Av. Dr. Jorge Furtado

Av. Padre Simão

Av. Pinheiro Machado

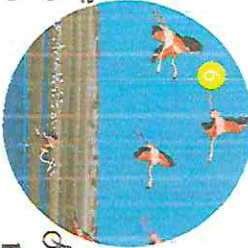


Balneário Mostardense

🚲 38 min
🚗 23 min

Parque da Lagoa do Peixe

🚲 20 min
🚗 10 min



Praia de São Simão

🚲 1h 15min
🚗 30 min



Pedra da Anitã

🚲 45 min
🚗 15 min



14 Dezembro de 1970
Cidades Irmãs
por
Menotti Garibaldi

A CIDADE IDEAL PARA QUEM BUSCA FUGIR DA CORRERIA DA CIDADE GRANDE!

Padre Simão Moser



Foto Casa da Cultura

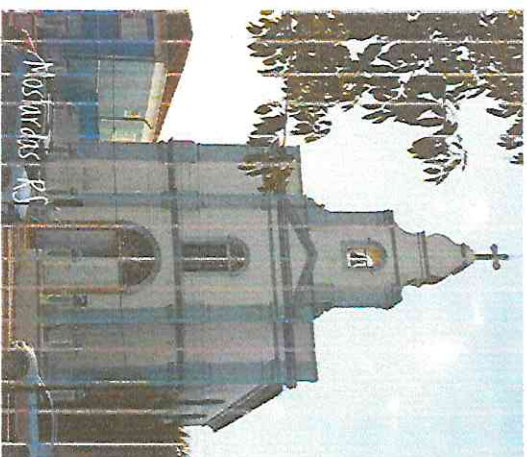


Foto Larri Grossmann Gomes

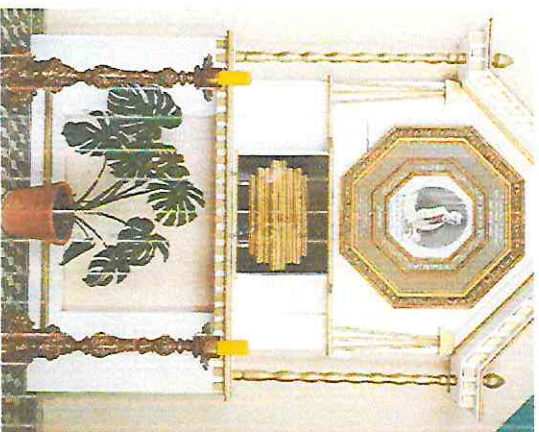


Foto Igreja Matriz de Mostardas



Foto Paula Porciúncula

PADRE SIMÃO MOSER



(15/10/1904 – 04/10/1980)

Padre Simão, como era conhecido em Mostardas, ali habitou por 29 anos antes de falecer na terra que elegeu para viver.



Prefeitura Municipal de Mostardas
Secretaria de Turismo e Cultura



www.marisaguedeshistoriadora.com
Historiadora, genealogista e escritora

PADRE SIMÃO MOSER E FAMÍLIA

Igreja São Luiz de Mostardas



Foto da Casa da Cultura

Na foto, em pé, da esquerda para a direita, estão os irmãos Josef, Simon e Peter. Sentados, estão Notburga (irmã), Theresia (mãe), Peter (pai) e Michael.

Simon Moser (grafia original de seu nome) nasceu em Thierbach/Wildschönuu na Áustria em 15 de outubro de 1904. Era o segundo filho entre seis irmãos de Theresia e Peter Moser. A irmã Marie não aparece na foto.

O primogênito Peter seguiu o serviço militar e Simon o eclesástico, assim como era o costume das famílias na época.

Em 1933, Peter Moser, o irmão mais velho de Padre Simão, veio para o Brasil acompanhando o Ex-Ministro da Agricultura da Áustria Andreas Thaler, num momento em que a Áustria buscava soluções para minimizar o sofrimento de sua população que se encontrava em uma crise generalizada. Encontraram no sul do Brasil condições necessárias para a migração das famílias austríacas. Assim fundaram em 13 de outubro de 1933 o município de Treze Tilas em Santa Catarina.

Simão Moser, em 1929 já com 25 anos, passou a estudar em Salzburgo, cidade austríaca na fronteira com a Alemanha e com vista para ao

Alpes Orientais. A cidade é dividida pelo rio Salzach, sendo que na margem esquerda fica a cidade antiga chamada Altstadt, com construções medievais e barrocas, famosa por ali ter nascido o compositor Mozart; já a margem direita está a cidade nova chamada Neustadt.

A VOCAÇÃO

Em 21/3/1934, Simão entrou no Brasil pelo porto de Rio Grande, possivelmente em intercâmbio, pois em vários documentos brasileiros consta o carimbo da Universidade de Innsbruck. O intercâmbio foi feito para atender ao Curso de Teologia no Seminário Central de São Leopoldo, lugar onde morou de 1934 até meados de 1937. Retornou para Áustria em 02/04/1937 para ser ordenado Padre em 25/07/1937, aos 33 anos. Após, regressou ao Brasil em 28/08/1937 e escolheu residir no mesmo país até o dia de sua morte.



Antes de vir para Mostardas em 1951 o Padre Simão Moser atuou nas paróquias de Itá e Seára/SC.

Da mesma forma que atuou nos hospitais de Itá e Seára em Santa Catarina, também contribuiu com o Hospital São Luiz de Mostardas, sendo seu presidente de 29/12/1957 a 20/12/1959.

Padre Simão orientou a criação de capelas em Mostardas e nas localidades de Solidão, Rincão do Cristóvão Pereira, Teixeira e Barros. Foram então criadas a Capela Sagrado Coração de Jesus na Solidão em 1954 e a Capela Nossa Senhora das Graças no Rincão do Cristóvão Pereira em maio de 1963. Antes da criação desses capelas, a primeira comunhão, as missas, os casamentos, as crismas e os batizados eram realizados nas escolas ou nas casas de pessoas da comunidade.

Conta-se que o padre saía a cavalo muito cedo de Mostardas em direção às comunidades onde eram realizados tais eventos. Ele segundamente chegava atrasado, pois levada de 3 a 6 horas para chegar dependendo da distância. No caso da primeira comunhão, ao chegar nas casas ainda realizava as confissões para depois celebrar a missa e dar a primeira comunhão. Como era o costume da época, a primeira comunhão tinha que ser tomada em jejum, por isso algumas crianças desmaiavam com o atraso.



HISTORIA DO COBERTOR MOSTARDEIRO

A tradição dos Cobertores Mostardeiros se perde no tempo e na memória de nossa cidade de Mostardas.

A velha arte de fiar foi herdada dos imigrantes açorianos que colonizaram estas terras a partir de 1763, fugidos de Rio Grande e, posteriormente, na década de 1770, quando começaram a chegar os casais açorianos em Mostardas.

Nos tempos da escravatura, os negros usavam os “trapilhos” ou “trapelircs”, confeccionados nos teares, que eram feitos das roupas velhas dos seus senhores, cortadas em tiras. No inverno junto com o tecido utilizavam a lã. A primeira roca e o tear, para fiar e tecer, foram trazidas por uma família açoriana para o município há mais de duzentos anos. Primeiro utilizavam o algodão, plantado numa tórna que depois acabou. Com o fim do algodão, passaram a utilizar a lã do rebanho local.

Em 1820, o naturalista francês Saint - Hilaire encontrou na península o artesanato em lã de Mostardas, relatando em seu livro da seguinte forma:

“A principal indústria da região é a criação de carneiros. Cada estancieiro possui um rebanho constituído frequentemente de vários milhares de carneiros e, com a lã produzida, as mulheres fabricam os tecidos dos ponchos grossos que se vendem à razão de seis patacas, enviando-os a Porto Alegre, Rio Grande e outras localidades. Tais ponchos são brancos com riscas pretas ou pardas e apenas usados pelos negros e índios”.

GERSUMINA MARIA DA CONCEIÇÃO



Gersumina por Rose Giacardi IGTF.

Por muitas décadas se difundiu a informação de que o “cobertor Mostardeiro” seria herança dos escravos. Isto se deve, acredito, pelo fato de que a mais antiga arte de lã crua de Mostardas é considerada a mais velha tecelã do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1950, 70 e 80 foi Gersumina Maria da Conceição. Mais conhecida como “Comadre Sulina”, que faleceu em 24 de julho de 1988, faltando apenas um mês para completar 100 anos. Filha de escravizados, Gersumina nasceu em 24 de agosto de 1888 um dia antes da festa do padroeiro de Mostardas “São Luiz Rei”. Desde muito moça, pelo ano de 1901, iniciou seu trabalho com lã, orientada por sua mãe que herdou a técnica de sua avó, que era escrava. Dona Sulina, depois que enviuvou, voltou a tecer cobertores. Fazia o trabalho sozinha, desde a lavagem, tingimento, abertura, cardagem, fiação da lã e taceagem. Depois ensinou a técnica a sua filha Ana Motta, que passou a trabalhar com ela.

COBERTOR MOSTARDEIRO



Prefeitura Municipal de Mostardas
Secretaria de Turismo e Cultura

www.mariaguedeshistoriadora.com
Historiadora, genealogista e escritora

CONFEÇÃO DO COBERTOR

A maneira de cardar, urdir e fiar continuam seguindo a tradição ancestral. Após a tosquia das

ovelhas são necessários 12 quilos de lã, em média, para a confecção de um cobertor grande, que no final do processo chega a pesar 5,5 quilos.

A lã é esalvada em água quente e depois lavada em água fria com sabão para tirar a gordura do velo. Depois de seca é batida para retirar ainda alguma areia que fica presa nos fios. No processo de abertura dos velos é retirada alguma sujeira que ainda persiste.



Após a lã é cardar para obter a pasta que será fiada.



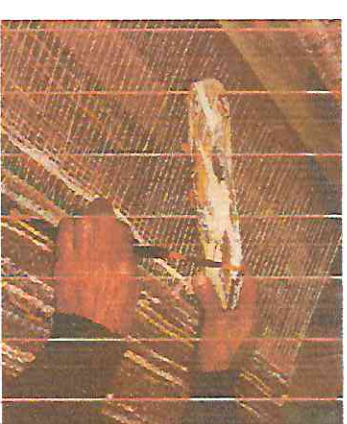
As pastas são torcidas no fuso manual ou roca. Na foto Marisa Guedes fiando.



Os fios estão prontos para a tecelagem



Orlando Duarte tecendo (cobertor Mostardeiro



Trapeiro feito por Marieta Conceição, filha de Gersmânia, e fotografada por Ilka Fortes.

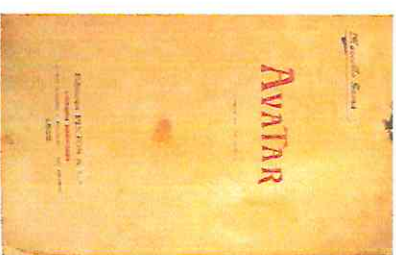
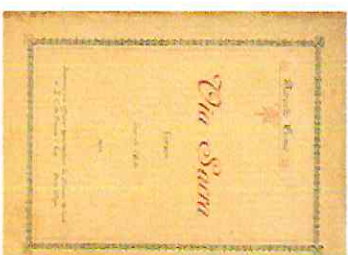
Normalmente utiliza-se lã crua nas cores branca e marrom escuro de acordo com a raça da ovelha. Em alguns casos é tingida com corantes naturais como cascas de goiaba, casca de cebola, coração do cacho de banana (cor roxa), sementes de urucum, prego enferrujado, erva mate, etc.



Boneca artesã da Ilha Terceira/Açores.

Em 1992 a Prefeitura Municipal construiu um um quiosque na Praça Luiz Martins para a comercialização dos produtos em lã feitos no Artesanato de Mostardas. E o "Cobertor Mostardeiro", conhecido em todo Brasil e exterior, em 30/09/2009, foi instituído como Símbolo Cultural do Município de Mostardas pela Lei Nº 2591/09.

Obras de Marcelo Gama



Mulheres

Pela simples razão de eu ser viril e poeta
que celebra, enartado, eternas beidas,
olho as mulheres todas
com o mais impermente interesse de estela.

Per isso, às três da tarde e às vezes antes,
desconhecido entre desconhecidos,
levo para a Avenida uns ares importantes
e afinado o quinteto dos sentidos.
E ficou a decampular a tarde inteira
entre snobes e Apolos de pulseira.

Fico-me unicamente para vê-las
no florir do seu viço,
para senti-las, para analisá-las,
de autêntico ao pestiço.
umas — sobrias, filigradas estrelas,
outras — de um paler lânguido de opalas...
E enroscilhando-as em cilares ledos,
o que se passa em mim pode ser comperado
àquele queretudo alvetrogado
das crianças nas lojas de brinquedos.

Olho-as, remiro-as de alto a baixo, sigo-as,
dispo-as, ponho-as em pose, impassíveis e brancas,
ora aqui desvendando imperfeições amáveis
de atafalhadas ancas,
ora ali descofrindo, entre êxtase e surpresa,
formas definitivas de beleza.

De algumas eu já sei nomes, histórias, vidas,
crônicas passionais,
prestigiadas do encanto de um mistério,
biografias heroicas, doloridas,
escândalos banais
e banais episódios de adultério.

MARCELO GAMA



Possidônio Duarte Machado

(03/03/1878 – 07/03/1915)

“Um dia batizei, na pia dos meus prantos,
o poeta que em mim, por milagre, surgiu,
e olhos verdes, voz lenta e soluços na lira.
Por padrinhos lhe dei Dona Amargura
e o Bebo, que escolheram o nome heroico
Marcelo.”

Prefeitura Municipal de Mostardas
Secretaria de Mm. Turismo e Cultura
www.mariaguenedeshistoriadora.com
Historiadora, genealogista e escritora

FAMÍLIA

Possidônio Duarte Machado, ficou conhecido
pelo pseudônimo de Marcelo Gama.

Os pais de Possidônio eram Laurindo Teixeira Machado, nascido em 18/10/1846 em Mostardas e falecido em 25/09/1902 em Cachoeira do Sul; e Maria do Carmo Duarte, nascida em 16/07/1858 em Mostardas e falecida em 15/06/1890 em Cachoeira do Sul; Laurindo e Maria do Carmo casaram em Mostardas em 1877.

Os avós paternos eram Felisberto Teixeira Machado, nascido em 19/01/1796 em Mostardas e falecido em 05/05/1863 em Mostardas; e Jacinta Clara da Silva Pacheco, nascida em 20/04/1808 em Mostardas; os bisavós eram Antônio Teixeira Machado, nasceu em 1758 em Açores e Anna Ignácia do Bon Fim, nascida em 1756 em Rio Grande. Os dois faleceram em São José do Norte, ele em 1815 e ela em 1801.

Os avós Maternos eram Cesário José Duarte, nascido em 1830 em Laguna/SC; e Maria Ignácia da Conceição, nascida em 11/05/1829 em Mostardas. Os bisavós eram José Duarte da Silva e Maria Bernardina de Laguna/SC; e Ignácio Mendes da Costa, nascido em 1787 no Estreito e Silvana Maria da Conceição, nascida em 1790 em Mostardas.

Laurindo e Maria do Carmo tiveram cinco filhos: Possidônio -- nascido em 1878; José -- nascido em 1879; Perzentina -- nascida em 1880; Odília -- nascida em 1885 todos nascidos em Mostardas; e Otília -- nascida em 1889 em Cachoeira do Sul;

Após a morte de Maria do Carmo em 1890, Laurindo, seu pai, casou-se com Eugênia da Silva Cezimbra, em 10/11/1892. Filha de José Fernandes Cezimbra e Clara de Paula e Silva.

Eugênia era neta do Barão de Iticuí Francisco de Paula e Silva.

Laurindo e Eugênia tiveram cinco filhos: José -- nascido em 1893; Elzira -- nascida em 1894; Ovídio -- nascido em 1899 todos em Cachoeira do Sul; não encontrei os outros 2 filhos.

Laurindo morreu em 25/09/1902 aos 57 anos, na sua certidão de óbito consta que era comerciante e que tinha nove filhos, quatro do primeiro casamento e cinco do segundo. O filho José Teixeira Machado morreu antes de 1893. Segundo consta Eugênia foi morar em Santo Ângelo com o filho José Cezimbra Machado, onde faleceu.



POSSIDÔNIO DUARTE MACHADO

Possidônio, nasceu em 03/03/1878, entre a Lagoa de Mostardas e a Lagoa do Pai João.

Foi batizado em 17/03/1878 com o nome de Possidônio Teixeira Machado. Nos documentos posteriores consta Possidônio Duarte Machado.

Possidônio casa-se aos 25 anos em Porto Alegre em 30/09/1903 com Julia Guedes de Carvalho, nascida em 1881 em Porto Alegre. Filha de Domingos Baptista de Carvalho e Carmelita Guedes de Carvalho.

Com Julia, ele tem duas filhas: Musmê Carvalho Machado, nascida em 12/05/1906 e Iris Carvalho Machado, nascida em 23/06/1908, ambas no Rio Grande do Sul.

Das filhas de Possidônio, Musmê casou no Rio de Janeiro em 10/06/1933 com Henrique Abranches de Fabris, comerciante, nascido em 31/03/1910 no Rio de Janeiro, filho de Herculano Fabris e Cely Abranches Fabris.

Sobre a filha Iris não encontrei registro de casamento.

Julia Carvalho Machado esposa de Possidônio faleceu em 01/11/1973 no Rio de Janeiro com 92 anos.